



**Sociedade das Ciências Antigas**

## ***SOBRE A CASTIDADE***



*"Quando levantardes o Filho do homem, então conhecereis quem Eu Sou, e que nada faço por mim mesmo; mas falo como meu PAI me ensinou".  
(João 8, 28)*

### **CONSELHOS PRELIMINARES**

Este trabalho foi composto, especialmente, para as almas religiosas. Parece-nos todavia que ele pode ser lido e meditado, com proveito, por toda alma desejosa de viver em toda a delicadeza, seja qual for a vocação que a Providência lhe tenha atribuído.

"Foi para que tua alma sempre permanecesse pura como um cristal, meu filho, que escrevi este livro. Porque conservar pura a própria alma, e assim chegar à idade de homem, é a mais sublime tarefa da vida".

"Lembra-te, ó mulher, que um dia Me darás conta dos pecados que os outros cometeram devido à ocasião que deste!".

"Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai, para que voltes, pelo labor da obediência, àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência"

(São Bento - Regra, prólogo)

O Verbo Eterno, vindo a este mundo, escolheu para Sua Mãe uma Virgem e para pai adotivo, um virgem.

Com toda a razão, pois, exclama o grande doutor da Igreja, Santo Atanásio: “Ó santa pureza, és o templo do Espírito Santo, a vida dos Anjos e a coroa dos Santos!”.

“Ó castidade, tu fazes o homem semelhante aos anjos” exclama Santo Efrem.

Essa comparação é muito acertada, pois os anjos vivem isentos de todos os deleites carnis; eles são puros por natureza; as almas castas, por virtude. “Pelo mérito desta virtude, assemelham-se os homens aos anjos” diz Cassiano.

Diz São Bernardo: “O homem casto difere do anjo não em razão da virtude, mas da bem-aventurança; se a castidade do anjo é mais ditosa, a do homem é mais intrépida”.

Santo Efrem chama a castidade de “a vida do espírito”; São Pedro Damiano, “a rainha das virtudes”.

Ninguém melhor que o Espírito Santo saberá apreciar o valor da castidade. Ora, Ele diz: “Tudo o que se estima não pode ser comparado com uma alma continente” (Eclesiastes 26), isto é, todas as riquezas da terra, todas as honras, todas as dignidades, não lhe são comparáveis.

Grande, portanto, é a excelência da castidade; mas também terrível é a guerra que a carne nos declara para no-la roubar.

É, por isso, coisa muito rara sair-se ileso ou mesmo vencedor deste combate. Santo Agostinho diz (Serm. 293): “O combate pela castidade é o mais renhido de todos: ele repete-se cotidianamente, e a vitória é rara”.

Por isso, todos os que desejam conservar a virtude da castidade devem ter suma cautela: “É impossível que te conserves casto, diz São Carlos Borromeu, se não vigiares continuamente sobre ti mesmo, pois negligência traz consigo mui facilmente a perda da castidade”.

### **Da Vigilância sobre os Pensamentos**

Almas que temem a Deus e não possuem o dom do discernimento e são inclinadas aos escrúpulos, pensam que todo mau pensamento que lhes sobrevém é já um pecado. Elas estão enganadas, porque os maus pensamentos em si não são pecados, mas só e unicamente o consentimento neles.

A malícia do pecado mortal consiste toda e só na má vontade, que se entrega ao pecado com claro conhecimento de sua maldade e plena deliberação de sua parte.

E, por isto, Santo Agostinho ensina que não pode haver pecado onde falta o consentimento da vontade.

Por mais que sejamos atormentados pelas tentações, pela rebelião de nossos sentidos, pelas comoções ou sensações desregradadas de nossa natureza corpórea, não existe pecado algum enquanto faltar o consentimento, como ensina também São Bernardo, dizendo: “O sentimento não causa dano algum, contanto que não sobrevenha o consentimento”.

Assim como as más obras nos separam de Deus, também os maus pensamentos nos afastam d'Ele e nos privam de Sua Presença.

“Pensamentos perversos nos separam de Deus” (Sabedoria 1, 3).

Devemos considerar três coisas quando se trata de um pecado de pensamento, a saber: a sugestão, a deliberação e o consentimento.

Sob a palavra sugestão entende-se o primeiro pensamento que nos incita a praticar o mal que nos vem à mente. Esta instigação ou incitamento ainda não é pecado; se a vontade a repele imediatamente, é mesmo uma fonte de merecimentos.

“Para cada tentação a que opuseres resistência, se te deverá uma coroa”, diz Santo Antão.

Até os Santos foram perseguidos por tais pensamentos.

São Bento revolveu-se sobre os espinhos para vencer uma tentação impura, e São Pedro de Alcântara lançou-se em poço de água gelada. São Paulo nos conta que também ele foi tentado contra a pureza: *“E para que a grandeza das revelações não me ensobresse, foi-me dado um espinho em minha carne, um anjo de satanás para me esbofetear”* (2Cor 12, 7).

O Apóstolo suplicou várias vezes ao Senhor que o livrasse desse inimigo: *“Por essa causa roguei ao Senhor três vezes que o afastasse de mim”*. O Senhor não quis dispensá-lo do combate e respondeu-lhe: *“Basta-te a minha graça”*.

E por que não queria o Senhor livrá-lo? Para que adquirisse maiores méritos por sua resistência à tentação: *“Porque a virtude se aperfeiçoa na fraqueza”*.

São Francisco de Sales diz que *“quando um ladrão procura arrombar uma porta, é porque não está ainda dentro da casa; assim também, quando o demônio tenta uma alma, é porque se acha ela ainda na graça de Deus”*.

Santa Catarina de Sena foi uma vez horripelmente atormentada pelo demônio, durante três dias, com fortes tentações impuras. Apareceu-lhe então o Senhor para consolá-la, e ela perguntou-lhe: - *“Mas onde estivestes, Senhor meu, durante estes três dias?”* O Cristo respondeu-lhe: *“Dentro do teu coração, dando-te força para resistires à tentação”*. E o Senhor deu-lhe a conhecer que o seu coração estava, depois da tentação, mais puro que antes.

À sugestão segue-se a deleitação.

Quando nos damos ao trabalho de repelir imediatamente a tentação, sentimos nela uma certa complacência ou prazer, que nos vai arrastando ao consentimento.

Mesmo então, se a vontade não dá seu assentimento, não há pecado mortal; quando muito, poderá haver pecado venial.

Se, porém, não recorrermos então a Deus e não nos esforçarmos por resistir à tentação, facilmente nos sentiremos arrastados ao consentimento.

Segundo as palavras de Santo Anselmo (De similit., c. 40): *“Se não procuramos impedir a deleitação, ela se transformará em consentimento e “matará a alma”*.

Havendo pleno consentimento, perde-se a graça de Deus, quer se tenha o desejo de cometer um pecado determinado, quer se pense ou reflita com prazer no pecado como se o estivesse cometendo. É o pecado de desejo.

Se fores, pois, molestada por tais tentações, alma cristã, não debes perder a coragem, antes, animosamente combater, empregando os meios que te vou indicar, e não sucumbirás.

- Recorrer imediatamente a Deus, sem entrar em diálogo com a tentação. Logo que se apresentar ao nosso espírito um pensamento impuro, devemos elevar a Deus imediatamente o nosso pensamento ou dirigi-lo a qualquer objeto indiferente.
- A recepção assídua do Santo Sacramento da Comunhão.

A “Santa Comunhão”, confere uma grande força na resistência às tentações.

O “Sangue” de Cristo, que recebemos na Sagrada Comunhão, é chamado pelos Santos de “Vinho gerador de Virgens” (Zacarias 9, 17).

O vinho natural é um perigo para a castidade; este Vinho Celestial é o seu conservador.

- A fuga da ociosidade é outro meio. O Espírito Santo diz (Eclesiastes 33, 21): “*A ociosidade ensina muita coisa má*”, isto é, ensina a cometer muitas transgressões.

“*Quem trabalha é tentado por um demônio só; quem vive ocioso, é atacado por uma multidão deles*”, diz São Boaventura.

Outros meios consistem no emprego de todas as precauções exigidas pela prudência, tais como:

- a modéstia dos olhos
- a vigilância sobre as inclinações do coração
- a fuga das ocasiões perigosas, etc.

### **A Modéstia dos Olhos**

Quase todas as paixões que se revoltam contra nosso Espírito, tem sua origem na liberdade desenfreada dos olhos, pois os olhares livres são os que despertam em nós, de início, as inclinações desregradadas.

O pensamento está intimamente ligado ao olhar. Santo Agostinho diz: “*Do olhar nasce o pensamento, e do pensamento a concupiscência*”.

Primeiramente olhamos, depois desejamos, e finalmente, consentimos.

Por isso nos assegura São Jerônimo que o “Demônio” só necessita de nosso começo: dá-se por satisfeito se lhe abrimos a metade da “porta”, pois ele saberá conquistar a outra metade.

“*As primeiras setas que ferem as almas castas, diz São Bernardo, e não raro as matam, entram pelos olhos*”.

São Gregório diz: “*Se não reprimires os olhos, tornar-se-ão ganchos do inferno, que à força nos arrastarão e nos obrigarão, por assim dizer, a pecar contra a nossa vontade*”. “*Quem contempla objeto perigoso, acrescenta o Santo, começa a querer o que antes não queria*”.

Se quisermos conservar a castidade, devemos nos fazer “cegos” por Virtude, abstando-nos de olhar o que possa despertar em nós os maus pensamentos. À vista seguem-se as imaginações

pecaminosas, que acendem o fogo impuro do desejo. São Francisco de Sales dizia: “*Quem não quiser que o “inimigo” penetre na “fortaleza”, deve conservar as “portas” fechadas*”.

E São Gregório diz: “*Não é lícito contemplar ou extasiar-se com a vista daquilo que não é lícito desejar*”. Supondo, mesmo que a liberdade que se concede aos olhos não produzisse outros males, impediria sempre o recolhimento da alma durante a oração, pois tudo o que vimos e nos impressionou, apresenta-se aos olhos de nossa alma e nos causa uma imensidade de distrações. Quem já tem recolhimento de espírito durante a oração pode ser privado dessa graça dando plena liberdade aos olhos. Um cristão que vive sem recolhimento de espírito não pode praticar as virtudes cristãs da humildade, da paciência, da mortificação, como deveria.

Guardemo-nos, por isso, de olhares “curiosos”, e olhem mais para objetos que elevam para Deus o nosso Espírito. “*Olhos baixos elevam o coração para o Céu*”, dizia São Bernardo.

Observando a modéstia, edificamos sumamente os outros e os estimulamos à prática da virtude, pois segundo São Paulo se dirigindo aos seus discípulos (1 Coríntios 4): “Somos o espetáculo dos anjos e dos homens”. Pessoas devotas são observadas pelos anjos e pelos homens.

É celebre o que se conta de São Francisco de Assis: Uma vez deixou o monastério junto a um companheiro, dizendo que ia pregar; tendo dado uma volta pela cidade com os olhos baixos, entrou novamente no monastério. “*Mas quando farás o sermão?*”, perguntou-lhe o companheiro, “*Já o fiz*”, respondeu-lhe o Santo, “*consistiu todo no resguardo dos olhos, do que demos exemplo ao povo*”.

Santo Ambrósio diz que a modéstia das pessoas virtuosas é uma exortação muito poderosa ao coração dos mundanos. “*Quão belo não seria se te bastasse apresentares em público para fazeres bem aos outros!*”.

De São Bernardino e Sena se conta que, mesmo antes de entrar para a vida monástica, bastava só a sua presença para pôr fim às conversas livres de seus companheiros; mal o avistavam, diziam uns para os outros: Silêncio, Bernardino vem vindo; e então calavam-se ou começavam a falar de outras coisas.

Santo Efreim, segundo São Gregório de Nissa, era tão modesto, que a sua visão estimulava à devoção, e não se podia vê-lo sem se sentir levado a se tornar melhor.

O imperador Maximiano, que fora disso informado, temendo sentir a sua influência e ser obrigado a converter-se, citou-o à sua presença, mas não quis vê-lo, e sujeitou-o ao interrogatório ocultando-o às suas vistas por uma cortina estendida entre os dois.

Concluo com as palavras de São Basílio á seus monges: “*Se quisermos que nossa alma tenha suas vistas sempre postas no Céu, filhos queridos, conservemos nossos olhos sempre voltados para a terra*”. Afastai meus olhos, Senhor, para que não vejam a vaidade” (Salmo 118, 37)

### **Da Guarda do Coração**

A modéstia dos olhos pouco nos servirá se não vigiarmos o nosso coração.

“*Aplica-te com todo o cuidado possível à guarda do teu coração*”, diz o Sábio (Provérbios 4, 27), “*porque é dele que procedem as fontes da vida*”. É aqui o lugar apropriado para se dizer algumas palavras sobre as amizades.

### **As Santas Amizades**

A amizade, segundo São Tomás, é mesmo uma virtude. A perfeição não proíbe que se cultivem amizades, diz São Francisco de Sales; exige somente que sejam santas e edificantes, a saber, só devem ser mantidas aquelas uniões espirituais por meio das quais duas, três ou mais pessoas, comunicam entre si seus exercícios de devoção, seus desejos piedosos e sentimentos nobres, tornando-se como que um só coração e uma só alma para a glória de Deus e o bem espiritual próprio e alheio. Com toda a razão podem tais almas exclamar: *“Vede quão bom e suave é habitarem os irmãos em união”* (Salmo 132, 1).

São Francisco diz mais, que em tal caso, o suave bálsamo da caridade destila de coração em coração por meio dessas mútuas comunicações, e bem pode-se dizer que Deus lança Sua benção sobre tais amizades, por toda a eternidade (Filipenses., III, c. 19). Tais amizades são recomendadas pela Escritura, em termos eloquentes: *“Nada se pode comparar com o valor de um amigo fiel, e o valor do ouro e da prata não iguala a bondade de sua fidelidade”* (Eclesiastes 6, 16). *“Um amigo fiel é um remédio para a vida e a mortalidade, e os que temem o Senhor encontram um tal”*.

Num estado religioso, num Círculo, onde reinam a disciplina e a ordem, todos os membros tendem ao mesmo fim, à perfeição, e não é necessário travar amizades particulares para animar-se mutuamente ao serviço de Deus e ao trabalho do aperfeiçoamento próprio. Os que, vivendo no mundo, desejam dedicar-se à prática da virtude verdadeira e sólida, precisam, pelo contrário, de se unir aos outros por uma amizade santa e edificante, para poderem, por meio dela, se animar, se auxiliar e se estimular ao bem. Há no mundo poucas pessoas que tendem à perfeição e muitas que não possuem o espírito de Deus e, por isso, é preciso que os bons, quanto possível, evitem os que podem impedir seu adiantamento espiritual e travem amizade com os que os podem auxiliar na prática do bem.

### **As Amizades Naturais**

Quanto às amizades puramente naturais, deve-se dizer que elas têm seu fundamento na nossa natureza, que nos compele a amar nossos pais, nossos benfeitores e todos aqueles em quem vemos belas qualidades e com quem simpatizamos. Esta espécie de amizade é o laço da família e da sociedade, mas facilmente degenera em amizades falsas; por exemplo, se os pais, por um carinho demasiado, toleram as faltas de seus filhos, ou se um amigo ofende a Deus para agradar a seu amigo, etc. As amizades naturais só são agradáveis a Deus se as santificarmos por meio da boa intenção; por exemplo, amando a nossos pais e amigos por amor a Deus.

Santa Teresa combate-as porque elas formam “linhas e partidos”. Santa Joana de Chantal, porque “trazem a desunião”. São Vicente de Paulo, porque são “uma injustiça, pois dão a uma o que deve ser de todas”.

A santidade e a perfeição não destroem nem prejudicam em nada as puras afeições da Terra; os santos não vão amar só a Deus, à força de não amarem ninguém, mas sim amar todos mais do que a si próprios, à força de amarem mais a Deus do que a tudo.

Não se trata, pois, de matar o coração nos castos, mas de regularizar os seus “movimentos”, de conduzi-lo à retidão. Logo, amemo-nos no “estado” de Cristo, como se amam os bem-aventurados. *“Sede amiga de todas as vossas irmãs e íntima de nenhuma”*, Diz Santo Afonso de Ligório.

### **As Amizades Perigosas**

Por amizades perigosas entendem-se, em particular, as sensuais, isto é, aquelas que se baseiam sobre uma complacência sensual, sobre a fruição comum dos prazeres dos sentidos, sobre certas qualidades fúteis e vãs de espírito e coração.

Todas as amizades que têm sua origem em afeições meramente materiais são, pelo menos, um grande impedimento à perfeição, ainda que não dessem ocasião a outras coisas. Elas, no mínimo, fazem-nos perder o espírito de oração e recolhimento interior; a alma que está presa por uma afeição natural poderá achar-se corporalmente na igreja, mas seu espírito estará se entretendo com o objeto de seu amor; perderá o amor aos Santos Sacramentos; não será mais sincera para com seu confessor, temendo que ele a obrigue a romper com essa cadeia e, envergonhando-se de lhe descobrir sua afeição, não lhe dirá a causa de sua tibieza, e assim se agrava, de dia para dia, seu estado lastimoso. Ao ouvir que fala mal da pessoa amada, se enfurece, defende-a calorosamente; descuida-se da obediência, pois quando o confessor a exorta a renunciar a tal amizade, procura mil desculpas para não ter de obedecer. Não é só grande a perda espiritual que se sofre com essas amizades baseadas sobre certas qualidades externas de uma pessoa, mas, principalmente se for do outro sexo, é também enorme o perigo que se corre de se perder. No começo tais amizades parecem indiferentes; *“São como o fogo e a palha”* diz São Jerônimo. Pessoas de diferentes sexos abraçam-se por causa da muita familiaridade, com a mesma facilidade com que a palha atingida pelo fogo.

Essas cadeias são difícilísimas de romper, e só o conseguirá quem as quebrar violentamente, de uma só vez. É uma máxima aceita por todos os mestres da vida espiritual de que, neste ponto, não há outro remédio senão fugir e afastar-se da ocasião. São Filipe Néri costumava dizer que, nesse combate, só os covardes saem vencedores, isto é, os que fogem da ocasião.

Podemos resistir aos outros vícios ficando na ocasião, diz São Tomás, fazendo violência contra nós mesmos; mas o vício contrário à pureza, só o poderemos vencer fugindo da ocasião e renunciando às afeições perigosas.

Se sentires, porém, teu coração livre e desembaraçado de tais afeições, toma todo o cuidado possível para não te emaranhares em laço algum, como já se tem dado a muitos em razão de sua negligência, eis o conselho que te dá São Jerônimo *“Se, no trato com alguém, notares que alguma afeição desregrada se quer apoderar de teu coração, apressa-te a sufocá-la antes que se torne um gigante. Enquanto o leão é ainda pequeno, pode ser facilmente trucidado; uma vez crescido, tornar-se-á mui difícil e humanamente impossível”*.

São Tomás de Aquino diz *“Quanto mais santas são as pessoas pelas quais sentimos afeição particular, tanto mais devemos nos acautelar, porque o alto apreço que fazemos de sua virtude mais nos estimula ainda a amá-las”*.

O “demônio”, a princípio, nos inspira amor à virtude daquela pessoa, depois o amor à própria pessoa e, finalmente, nos lança na perdição. O “demônio” sabe perfeitamente esconder tal perigo: no começo não dispara seta alguma que pareça envenenada, mas só as que excitam a afeição, ocasionando leves feridas do coração; em seguida, quando o amor já está aceso, essas pessoas já não se tratam mais como anjos, mas como homens de carne e sangue: trocam repetidos olhares e palavras amorosas, desejam estar muitas vezes a sós, juntas e, por fim, a piedade espiritual degenera em amor carnal.

São Boaventura indica cinco sinais dos quais se pode deduzir se a afeição que a alguém nos prende é impura:

Primeiro: se se entretêm conversas inúteis; e inúteis são todas as que levam muito tempo.

Segundo: se ocorrem olhares e louvores mútuos.

Terceiro: se se desculpam as faltas reciprocamente, evitando correções para não desagradar.

Quarto: se aparecem pequenos ciúmes.

Quinto: se a separação causa certa inquietação.

O trato mui assíduo com outro, com demonstrações de afeição, tem por consequência tornar nocivo o amor, visto que ele prende estreitamente um coração ao outro, obscurecendo a afeição crescente cada vez mais à razão.

Em pouco tempo só quererá um o que o outro quer, e então não terá mais coragem de resistir ao outro quando for convidado ao mal, e, assim, ambos se perderão.

Aqui na terra cada um de nós anda por caminhos escabrosos e em trevas, e se, além disso, ainda um anjo mau, isto é, um mau companheiro, que é pior que um demônio, nos persegue e impele à perdição, como poderemos escapar ilesos?

Platão dizia: *“Tomarás os mesmos modos daqueles com quem convives”*.

Segundo São João Crisóstomo, para se certificar dos hábitos de alguém, basta saber com quem ele anda, já que os amigos ou são ou fazem-se semelhantes uns aos outros. E isso por duas causas: primeiro, porque um se esforça por imitar o outro para lhe ser agradável; segundo, porque o homem, como nota Sêneca, é inclinado a fazer o que vê os outros fazerem.

Dos israelitas lemos: *“Eles se mesclaram com os gentios e aprenderam suas obras”* (Salmo 105, 35).

Devemos, portanto, não só fugir do comércio com os impuros, diz o Sábio, mas também nos conservarmos longe de seus caminhos: *“Meu filho, não andes com eles e não ponhas o pé em seus caminhos”* (Provérbios 1, 15).

Não travemos amizade com homens viciosos, evitando tomar parte em sua mesa, banquetes ou outros convívios com eles. Deves evitar os amigos que dão escândalo e envenenam a tua alma com maus exemplos e conversas perversas. É impossível evitar todo o comércio com eles, porque então teríamos de sair deste mundo; contudo, é bem possível evitar um trato mais familiar.

O “demônio” serve-se dos maus amigos como de iscas, segundo Jeremias, para prender as almas em suas redes de pecado. *“Meus inimigos, sem motivo, prenderam-me como se prende uma ave”* (Jr 3, 52).

É exatamente essa a astúcia do “demônio”, diz Santo Efrem: *“Capturada uma alma em sua rede, serve-se dela como de uma armadilha para prender à outra”*.

## **Da Virgindade**

São Cipriano denomina a multidão de virgens que se consagram ao amor de seu Divino Esposo, de *“a mais nobre porção da Igreja de Cristo”*.

Vários outros Santos Padres, como Santo Efrem, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Jerônimo, São Crisóstomo, escreveram livros inteiros em louvor da virgindade.

Aqui simplesmente faremos uma instrução para os que levam uma vida virginal sem terem emitido o voto de castidade.



As almas virgens são extraordinariamente belas aos olhos de Deus: “*Serão como os Anjos de Deus no Céu*” (Mateus 22, 30).

Barônio conta que na morte de uma virgem, chamada Geórgia, uma multidão de “pombos” adejavam ao redor da casa e, quando seu cadáver foi transportado à igreja, pousaram no teto, exatamente em cima do lugar onde se achava o caixão, e daí não se retiraram até ser sepultada a piedosa virgem. Esses “pombos” certamente eram Anjos, que queriam prestar as últimas honras àquele corpo virginal.

As almas virginais, que renunciaram ao casamento para se dedicarem exclusivamente ao amor de Cristo, tornam-se esposas do Filho de Deus.

Por isso, tinha razão Santa Inês, respondendo, segundo Santo Ambrósio, aos que lhe ofereciam a mão do filho do prefeito de Roma: “*Ofereceis-me um esposo? Já encontrei um muito melhor*”.

Semelhante resposta deu Santa Domitila, sobrinha do imperador Domiciano, aos que queriam persuadi-la a casar-se com Aureliano: “*Dizei-me: a quem deveria escolher por esposo uma jovem pedida em casamento por um monarca e por um camponês? Para casar-me com Aureliano, teria de renunciar ao Rei do Céu. Ora, isso seria uma loucura inominável, que nunca praticarei*”.

E, firme nessa resolução, deixou-se queimar viva, para poder permanecer fiel à Cristo, a quem consagrara sua virgindade.

Quem poderá imaginar a glória que Deus reserva a Suas castas esposas lá no Céu?

Os teólogos são de opinião que no Céu existe uma glória especial reservada às virgens, uma coroa ou alegria particular, de que estão privados os outros Santos. Mas, dir-me-á uma ou outra jovem: “*Ora, casando-me também poderei santificar-me*”.

Não receberás a resposta da nossa boca, mas da de São Paulo, que te dirá também a diferença que existe entre as virgens e as casadas: “*A mulher virgem pensa nas coisas que são do Senhor, para que seja santa no corpo e no espírito. Mas, a que é casada, pensa nas coisas que são do mundo, em como agradar ao marido. Em verdade, digo isso para vosso proveito... para vos exortar ao que vos convém e vos facilita a orar ao Senhor sem embaraço*” (1Cor 7, 34).

Pode uma lagarta voar? Sem antes passar pelo estágio de crisálida e transformar-se em borboleta não.

Portanto, aquelas almas que são virgens também no corpo, já estão num estágio onde não sentem atrações físicas pelo sexo oposto, mas apenas atração pelo que é Divino, pela própria Divindade. Lhe é natural; é intrínseco à sua natureza. São estágios e assim como a Natureza, não devemos dar saltos.

Deve-se, pois, notar que as casadas, sem dúvida alguma, podem ser santas segundo o espírito, ao passo que as virgens, que amam a Deus, o são de corpo e de espírito.

Quantos impedimentos não encontram as casadas na sua tendência à santidade! E esses obstáculos são tanto maiores, quanto mais elevada a sua condição social. Para nos fazermos santos temos de empregar os meios e, antes de tudo, nos consagrar à oração mental, receber amiúde os Santos Sacramentos, e pensar sem interrupção em Deus. Ora, quando uma senhora casada achará tempo para cuidar de aquilo que é do Senhor?

Ela se ocupará com as coisas deste mundo, diz São Paulo, cuidará em agradar a seu marido, olhará pelas necessidades de sua família, pelo seu sustento e vestes, vigiará a educação de seus filhos, atenderá aos parentes e amigos, pensará continuamente nos seus afazeres; seu coração ficará assim dividido entre seus filhos, seu marido e Deus. Como encontrar tempo para se entregar a longas orações mentais, para receber muitas vezes a Comunhão, se nem lhe resta tempo para cuidar de todas as obrigações de sua casa e estado?

O marido quer ser atendido, os filhos gritam e choram, querendo mil coisas diversas. Como meditar entre tantos cuidados e perturbações?

Muitas mães de família nem mesmo aos domingos podem ir à igreja. É verdade, ela pode conservar a sua boa vontade, mas sempre lhe será custoso cuidar, como convém, do que é do Senhor. Não há dúvida de que pode adquirir grandes merecimentos em razão de tais provações, entregando-se à Vontade de Deus que, em tais condições, não quer mais do que um sacrifício perene de resignação e paciência; mas, no meio de tantas distrações e tribulações, é quase impossível, é mesmo heroico, praticar a virtude da paciência e conformidade, sem o exercício da oração e a recepção dos Sacramentos... Mas, prouvera a Deus que as senhoras casadas nada mais tivessem a deplorar do que a falta de tempo necessário para seus exercícios de piedade.

A conduta do marido, os desgostos causados pelos filhos, os negócios da casa, as molestas atenções que se devem à sogra e aos cunhados, as suspeitas, as inquietações de consciência quanto à vida conjugal e educação dos filhos, tudo isso origina um mar de tribulações, no qual passam sua vida entre suspiros e lágrimas.

E felizes se conseguirem salvar sua alma e alcançarem de Deus a graça de não deixarem o inferno desta vida para se precipitarem no outro!

Esta é a bela sorte das jovens que se consagram ao mundo...

Mas, entre tantas mulheres casadas, não haverá uma só que se santifique? Sim, existem também Santas casadas. Porém, quais são estas? As que se santificam pelo martírio, que sofrem tudo por amor de Deus, com uma paciência que nada abala. Mas, quantas se elevarão a tal perfeição?

Ah! Muito poucas. E se encontrares uma, veremos que deplora amargamente ter escolhido o partido do mundo, tendo podido, com tanta facilidade, consagrar-se ao Cristo.

Verdadeiramente felizes são aquelas virgens que se consagram por inteiro e exclusivamente ao seu Divino Salvador. Estas estão livres dos perigos em que se acham as casadas. Seu coração está desembaraçado do apego aos filhos e marido, aos bens transitórios, ao luxo vão ou a outras coisas do mundo.

E, quando as mulheres casadas se veem obrigadas a empregar muitos cuidados e grandes somas com seu traje, para aparecer ao mundo à altura de sua posição e agradar a seu marido, a virgem que se consagrou a Cristo se contenta com um vestido simples e desataviado, pois, do contrário, daria escândalo. Todos os seus pensamentos e cuidados tendem a agradar a Cristo, a quem dedicou seu corpo, sua alma e todo seu amor.

Assim, possui ela também mais liberdade de espírito para pensar em Deus e mais tempo para se entregar à oração e receber os Sacramentos.

Se não te sentes chamada, alma cristã, ao estado conjugal, nem ao religioso, mas desejas fazer-te santa no mundo, como verdadeira esposa de Cristo, toma a peito os seguintes conselhos:

Para a santificação, não é suficiente que uma virgem traga ilibada a sua pureza e use o nome de esposa de Cristo; é preciso também praticar as virtudes de uma esposa de Cristo.

No Evangelho é o reino dos Céus comparado a umas virgens. Mas que virgens? Às virgens prudentes e não às loucas.

Aquelas foram introduzidas na sala das núpcias; a estas foi a porta fechada e ouviram do Esposo: Não deixais de ser virgens, mas eu não vos reconheço por esposas minhas.

As verdadeiras esposas de Cristo seguem o Esposo para onde quer que Ele vá (Apocalipse 14, 4). Que quer dizer seguir o Esposo? Santo Agostinho explica que é prender-se a Ele.

Depois de Lhe teres sacrificado teu corpo, deves ainda consagrar-Lhe todo o teu coração, de tal forma que só te ocupes em amá-lo. Para isso, deves empregar os meios para pertencer exclusivamente a Ele.

### **O primeiro é a oração mental, a que te deves dedicar com todo o zelo.**

Não julgues que, para isso, é necessário se recolher a um convento ou passar todo o dia na igreja. Não há dúvida que em uma casa de família há barulho e perturbações de pessoas que entram e saem; mas quem tem boa vontade encontra sempre jeito e tempo para fazer suas orações; por exemplo, de manhã, antes de se levantarem as pessoas da casa, ou de noite, depois de já se terem recolhido. Também não se requer que se esteja sempre de joelhos; podem-se recitar as orações durante o trabalho ou caminhando; basta elevar o pensamento a Deus, pensar na Paixão de Cristo ou meditar sobre qualquer outro assunto espiritual.

### **O segundo meio é a recepção assídua dos santos sacramentos da Penitência e Eucaristia.**

Quanto à Comunhão, não é muita coisa se for recebida só por obediência; deve-se ter desejo dela, e pedi-la. Esse Divino Pão quer ser desejado e que se tenha fome d'Ele.

A Comunhão é que faz com que as esposas de Cristo permaneçam fiéis a seu Divino Esposo, já que a Ela devem em especial à conservação de sua pureza.

Este Divino Sacramento conserva na alma toda espécie de virtudes, sendo, porém, seu efeito principal, conservar ilibado (não tocado, puro, sem mancha) o lírio da virgindade, dando-Lhe o profeta, por isso, o nome de “nutrimento dos escolhidos e vinho que gera virgens” (Zacarias 9, 17).

### **O terceiro meio é o recolhimento e a vigilância.**

Uma alma que só quer viver na sociedade, entre divertimentos e distrações mundanas, não poderá permanecer fiel a Cristo. Deve, pelo contrário, estar sempre circundada dos espinhos da abstinência. Os espinhos são o que protegem os lírios, isto é, as virgens; sem eles, perder-se-ão em pouco tempo.

Assim, uma virgem é bela aos olhos de Cristo se leva uma vida retirada e se se esconde, quanto possível, aos olhos do mundo.

Pessoas verdadeiramente virtuosas preferem desfigurar-se a si mesmas a tornar-se objeto de amor criminoso. Se, por desgraça, acontecer tornar-se uma virgem, vítima de uma violência qualquer, sem culpa sua, não deve inquietar-se com isso, já que sua pureza não fica alterada. Foi o que Santa

Lúcia respondeu ao tirano que a ameaçava de entregá-la ao prostíbulo: “*Se eu for desonrada contra minha vontade, receberei uma coroa dupla*”.

Com razão se diz: Não o sentimento, mas o consentimento fere a alma.

### **O quarto meio é a mortificação dos sentidos.**

Uma virgem que quer conserva-se pura, diz São Basílio, deve ser pura na língua, pura nos ouvidos, pura nos olhos, pura no tato, pura principalmente no espírito, esforçando-se por resistir aos maus pensamentos.

Vós, que ledes estas linhas, dirijo-me àquelas que se sentem chamadas pelo Divino Esposo, vós, que quereis pertencer a Cristo, não vos obrigueis desde já por um voto, nem façais, logo no começo, o voto de castidade perpétua; fazei esse voto quando Deus vos o inspirar e o confessor o permitir. Aconselho-vos, porém, que agradeçais a Cristo, vos ter chamado a Seu especial amor, e vos ofereçais ao Senhor como coisa que Lhe é consagrada e própria para todo o sempre.

### **Do Voto de Castidade**

Procuremos a esposa dos Cânticos, que sabe perfeitamente avaliar as qualidades desse Esposo Divino, e perguntemos-lhe: Quem é o vosso amado, ó santa esposa? Quem é aquele que possui todo o vosso coração e vos tornou a mais feliz das mulheres? Ela responde: Meu Amado é branco e vermelho: é branco por Sua pureza, e vermelho pela chama do amor em que se abrasa por Sua esposa; em uma palavra, Ele é tão belo, tão perfeito em todas as virtudes, que não há nem pode haver um outro esposo mais nobre ou mais amoroso que Ele.

“*Nem quem O iguale em Sua grandeza, nem em Sua beleza, nem em Sua generosidade*”, diz Santo Euquério.

Por isso escreve Santo Inácio de Antioquia: “*Aquelas bem-aventuradas virgens, que se consagraram a Cristo, podem estar certas de que não encontrarão, nem no céu nem na terra, um esposo tão belo, tão nobre, tão rico, tão amável como Aquele que lhes foi dado, o Cristo*”.

Santa Clara de Montefalco dizia que prezava tanto sua virgindade, que antes queria sofrer durante toda a sua vida as penas do inferno, do que perder esse Valioso Tesouro.

Com toda a razão, pois, muitas virgens virtuosas renunciaram a casamentos principescos para permanecerem esposas de Cristo. Santa Joana, infanta de Portugal, renunciou à mão de Luís XI, rei da França; a Beata Inês de Praga, à do imperador Frederico II; Isabel, filha do rei da Hungria e herdeira do reino, à de Henrique, arquiduque da Áustria, e muitas outras procederam do mesmo modo.

Uma virgem que se consagra ao Senhor, diz Teodoreto, está livre de todo o cuidado inútil. Não tem outra coisa a fazer senão entreter-se contínua e familiarmente com Deus. Isso indica o Apóstolo quando diz que a virgem “*é santa no corpo e na alma*” (1 Coríntios 7, 34); santa no corpo pela castidade, santa no espírito por seu viver íntimo com Deus.

“*Se ela não tivesse outra recompensa a esperar, diz Santo Anselmo, só por estar livre dos cuidados seculares e não ter outra obrigação, já deveria ser tida por sumamente feliz*”. Do que se vê que as virgens não só receberão uma imensa glória no Céu, mas já serão recompensadas antecipadamente aqui na terra, com uma paz inalterável. As virgens que se consagram ao amor de Cristo, ofertando-Lhe o lírio da pureza do coração, tornam-se tão agradáveis a Deus como os Santos Anjos.

Diz-se ainda, na Sagrada Escritura, que o Esposo Divino “*se apascenta entre os lírios*” (Ct 2, 16). Esses lírios representam as virgens que conservam sua pureza por amor de Deus.

O expositor nota o seguinte nessa passagem dos Cânticos: “Enquanto o demônio procura a imundície da impureza, Cristo descansa entre os lírios da castidade”.

O que, porém, deve aumentar consideravelmente a nossos olhos o valor da virgindade, é o louvor extraordinário que lhe tece o Espírito Santo, dizendo: “*Tudo o que se aprecia não é comparável a uma alma continente*” (Eclesiastes 26, 20).

São Bernardo acrescenta que a virgindade habilita a alma, de um modo todo especial, a ver o Divino Esposo nesta vida pela fé, e na outra pela luz da glória.

Bem aventurados os pobres de Espírito porque...

Grande é a satisfação de Cristo quando alguém se associa ao número de Suas esposas.

Desposando o Cristo uma tal alma, quer que todo o Céu se alegre com Ele e entoe hinos de regozijo: “*Alegremo-nos e exultemos e demos-Lhe glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro e Sua esposa está ornada*” (Apocalipse 19, 7).

Os ornamentos com que Cristo quer ver ataviadas Suas esposas são as virtudes, particularmente o amor e a pureza, que são apresentadas nos Cânticos como coroas de prata e de ouro: “*Nós te faremos umas cadeias de ouro listradas de prata*” (Ct 1, 10). São estas as vestes pomposas e as joias com que o Senhor atavia Suas esposas, e das quais fala Santa Inês: “*Ele circundou minha direita e meu pescoço com um colar de pedras preciosas, revestiu-me com um hábito bordado a ouro e ornado com artísticos relevos e deslumbrantes adornos*”. Os seculares buscam coisas terrenas, mas as esposas de Cristo nada mais querem senão Deus; por isso delas se pode afirmar ao pé da letra: “*Esta é a geração dos que buscam a Deus*” (Salmo 23, 6).

“*Ó esposas do Redentor, exclama São Tomás de Villanova, não deveis buscar qual de vós sobrepuja as outras por seu nascimento, seus talentos ou fortuna; examinai, antes, quem é mais agradável ao Esposo Divino, quem vive unida mais intimamente a Ele, quem é mais humilde, pobre e obediente*”.

Ouçamos também o que diz o Espírito Santo: “*Filho, quando entrares ao serviço de Deus... prepara tua alma para a tentação*” (Eclesiastes 2, 1), para sofreres com humildade e paciência, pois “*o ouro e a prata se provam no fogo, e os homens que Deus quer receber, na fornalha da humilhação*”.

“*Ninguém pode servir a dois senhores*” (Mateus 6,24), a Deus e ao mundo; quem, portanto, quiser consagrar-se a Deus deve renunciar ao mundo, e quem quiser tornar-se esposa de Cristo deverá exclamar incessantemente: “*Deus só, é todo o meu tesouro e meu único bem*”.

Como poderás, alma cristã, te incomodares com o mundo, depois de te consagrares a Deus? Esquece de tudo e procura guardar o teu coração inteiro para teu Divino Esposo, que escolheste para Lhe dedicares todo o teu amor.

Dissemos: teu coração inteiro, porque Cristo quer que Sua esposa seja “*um jardim fechado e uma fonte selada*” (Ct 4, 12); um jardim fechado, pois não deve receber a ninguém mais senão a seu

Divino Esposo; uma fonte selada, porque esse Divino Esposo é zeloso e não permite que encontre entrada no coração de sua esposa outro amor que o amor por Ele.

Por isso diz-Lhe: *“Quero que me coloques como um selo sobre teu coração e sobre teu braço”* (Ct 8, 6), *para que a ninguém mais ames senão a Mim, e para que todos os teus atos sejam feitos com a única intenção de Me agradares*. O Amado é colocado como um selo sobre o coração e o braço, diz São Gregório, quando a alma mostra por sua vontade (isto é, o coração) e por suas ações (isto é, o braço), quanto ama a seu celeste Esposo.

Quando o amor divino reina numa alma, expulsa toda a afeição que não se refere a Deus, pois *“o amor é forte como a morte”*.

Como nada há que possa resistir à veemência da morte quando é chegada a sua hora, assim também não há nenhum impedimento e nenhuma dificuldade que não seja superada pelo amor divino, quando ele se apodera de um coração. *“Se um homem der todas as riquezas de sua casa, ele as desprezará como se nada tivesse dado”*.

Um coração que ama a Deus despreza tudo o que lhe oferece e pode oferecer o mundo; numa palavra, ele despreza tudo o que não é Deus.

São Bernardo diz que Deus, como nosso Senhor, exige de nós temor; como Pai, respeito; como Esposo, porém, unicamente amor.

A Venerável Francisca Farnese não conhecia meio mais eficaz para estimular a si e às suas companheiras a tender à perfeição, do que a recordação de que eram esposas de Cristo. Está fora de dúvida, dizia ela, que cada uma de vós foi escolhida por Deus para se tornar santa, pois que vos concedeu a grande honra de vos fazer Suas esposas. E, de fato, é essa uma graça inapreciável, que exige uma fiel cooperação.

Santo Agostinho escreveu a uma virgem consagrada a Deus: *“Tens um Esposo que é mais belo que tudo o que existe no Céu e na terra, e que Te deu um penhor seguro de Seu amor escolhendo-te para Sua esposa. Podes concluir disso quão obrigada estás a pagar o Seu amor”*.

Ó esposa de Cristo, não te ocupes mais contigo e com o mundo; não pertences mais ao mundo, nem a ti mesma, mas a Deus; e cuida unicamente em viver para esse Esposo que escolheste. Escolheste a Deus por Esposo, mas primeiramente te escolheu o Senhor para Sua esposa. Quantas almas não deixou Ele no mundo, não lhes concedendo os favores que a ti fez? O Salvador preferiu-te a todas essas almas, não por seres mais digna, mas por te amar mais que às outras.

Por isso, se o mundo solicitar o teu amor, ó esposa de Cristo, diz-lhe como Santa Inês: *“Aparta-te de mim, pábulo da morte. Desejas o meu amor, mas eu não posso amar a mais ninguém do que a meu Deus, que me amou primeiro”*.

*“Porque és a esposa de um Deus, diz São Jerônimo, reveste-te de um santo orgulho”*.

Os seculares se orgulham de sua união com pessoas nobres e ricas; tu, porém, podes te vangloriar de uma sorte muito melhor, porque te tornaste esposa de um Rei Celeste. Dize, pois, cheia de alegria e santo orgulho: *“Achei a quem meu coração ama; prendê-lo-ei com meu amor e não O largarei mais”* (Ct 3, 4).

De fato, é uma imensa felicidade para uma virgem quando ela pode dizer: *“Aquele a quem os Anjos do Céu desejam servir, é meu Esposo. Meu Criador escolheu-me para Sua esposa, e, como Ele é o Rei e o Senhor do mundo, cingiu-me igualmente com uma coroa de rainha”*.

Deves saber, entretanto, ó esposa do Senhor que lês esses louvores, que irrevogavelmente não possuis essa coroa enquanto permaneceres aqui na terra; poderás perdê-la novamente por tua culpa; para que ninguém lha roube, segura-a fortemente (Apocalipse 3, 11). Renuncia às criaturas, une-te cada vez mais intimamente a Cristo pelo amor e pela oração, e suplica-Lhe sem cessar que não permita que te tornes outra vez infiel. Deves dizer-Lhe: Ó Cristo, meu divino Esposo, não permitais que me separe de Vós. E quando as criaturas quiserem apoderar-se de ti e daí expulsar Cristo, dize desassombadamente com o Apóstolo, confiada na assistência divina: *“Quem me separará do amor de Cristo? Nem a morte, nem a vida, nem criatura alguma será capaz de nos separar do amor de Deus”* (Romanos 8, 35).

### **Da Necessidade da Oração para a Defesa da Castidade**

Logo que sentir em vós alguma tentação, fazei como as crianças quando veem um animal perigoso; correm logo para os braços do pai ou da mãe, ou pelo menos chamam-nos em seu auxílio. Recorrei de igual modo a Deus, suplicando a sua misericórdia e socorro.

Os apóstolos seguiram um dia Cristo, que subia para uma barca, e o Senhor adormeceu. De repente surge uma tempestade; a barca vai ser tragada pelas ondas. *“Senhor, exclamam os discípulos, salvai-nos, que perecemos”*. Cristo diz-lhes: *“Que temeis homens de pouca fé?”*. E, levantando-se, ordena ao mar que serene, e restabelece-se a tranquilidade (Mateus 8 23,26).

*A barca é a nossa alma; o mar é a vida, exposta às mais variadas e às mais imprevistas tormentas; o naufrágio parece iminente. Não receeis nada; “o bom Cristo terá o cuidado de vos despertar. Ele parece dormir no auge da tempestade; mas virá o momento em que ELE mandará às ondas que se detenham. Quer que recorramos a ELE, e ama-nos tanto”!*

**Santa Teresa**

É principalmente das tentações tão delicadas que atingem o que há em nós de mais íntimo, que provém *“a divisão da alma e do espírito, a medula do ser”* (Hebreus 4,12), como diz São Paulo. *“Quando a alma está em perplexidade, o seu grande refúgio deve ser ainda a oração”*; *ela escapa a todos os perigos, ao subir até Deus*.

Assim faz a ave sobre as margens do Oceano; quando vê a maré subir, levanta voo e ri-se do perigo; *“é em vão que se lançam redes diante dos que tem asas”* (Provérbios 1, 17).

### **O poder da oração**

Quando pedimos algum bem temporal, e mesmo certas graças, tendentes ao aperfeiçoamento da nossa alma e à plenitude da nossa vida espiritual, pode ser que a nossa prece contrarie os desígnios da Providência. Neste caso, Deus faz-nos sofrer, sem injustiça, a recusa da Sua Bondade ou as dilações de Sua Misericórdia. Mas, nas surpresas da tentação, é a nossa salvação que está em jogo: sem recusas, sem delongas, toda oração bem feita deve ser necessária e imediatamente eficaz. *“Tudo o que vós pedirdes a meu Pai em meu nome, (ou seja, para defender o estado de comunhão com o Cristo interno e pessoal) obtê-lo-eis”* (São João 15, 16).

Há promessas especiais para a conservação da pureza, pois o Salvador ordena-nos que peçamos o seu auxílio contra a tentação e contra a invasão do mal. Os santos conhecem bem esta força e são hábeis no manejo desta arma. *“Senhor, dizia Santa Cecília, guardai o meu coração imaculado, e*

*que eu não seja confundida*”. A resposta do Céu não tarda: aparece-lhe um anjo que desempenha o papel de seu guardião.

Que prodígios obtiveram as virgens na época das perseguições e no decurso dos séculos para a conservação da castidade!

*“Acontece muitas vezes, diz São Gregório, que as tentações vêm assediar-nos, e o número delas é tão grande que a nossa alma corre o risco de cair no abismo do desespero; ela lança os olhos para todos os lados, e não descobre senão as trevas mais densas; mas tenha essa alma confiança em Deus: de repente o Senhor compraz-se em dissipar as nuvens e em restituir a luz de Sua Graça. Então a alma, que tinha sido humilhada e mergulhada nas trevas, encontra-se transformada em celestes claridades e inundada de alegria”*.

Devemos nos manter sempre aos “pés” de Nosso Senhor, como nosso único refúgio.

O viajante que é surpreendido pela chuva, procura uma árvore ou uma gruta para se abrigar; instintivamente, a criança que brinca na rua, corre, ao primeiro ruído, à menor ameaça, para a casa paterna. Habitue-mo-nos a implorar primeiro o socorro de Deus; façamos da confiança uma prática tão familiar que nos faça recorrer logo a Ele.

### **Do Sacramento da Penitência**

*Bem-aventurados, diz São João, os que lavam as suas “vestes” no “sangue” do “cordeiro” (Apocalipse 22, 14).*

Aplicam-se estas palavras ao mártir que restitui à alma, em todo o seu brilho, *a sua primeira “veste” (Lucas 15, 5).*

Elas entendem-se igualmente do sacramento da penitência: Toda alma lavada desta maneira é esposa, e o Filho do Rei une-se a ela. É, portanto, uma fonte divinamente preparada, onde as castas se purificam das fraquezas quotidianas e refazem o vigor da sua juventude... O sacramento da penitência é uma força e uma luz.

### **É uma força**

*“A confissão frequente purifica cada vez mais a nossa alma das suas sujidades, e por ela conseguem-se não só a remissão dos pecados, mas também auxílios mais poderosos para resistir às tentações” (Santo Afonso de Ligório).*

Como as palavras dos doutores do Cristianismo são belas e precisas! Em duas palavras aqui temos os frutos diretos do sacramento da penitência relativos à castidade: purifica, fortifica.

### **Ela confere força que conjura o regresso do mal**

A experiência ensina que se está mais alegre, mais resoluto, mais forte depois de uma boa confissão. Não é de admirar que São Francisco de Sales tenha dito aos tentados: *“Confessai-vos mais frequentemente”*; e que Santo Afonso de Ligório tenha assegurado á essas almas que *“elas se tornariam invencíveis com a confissão frequente”*; com a condição de se ser, não escrupuloso, mas perfeitamente delicado.

### **É uma luz**



O sacramento da penitência oferece um outro aspecto igualmente favorável à castidade: é uma luz. Quando, pois, o demônio vos perturbar, ide procurar o vosso confessor; abri de par em par o vosso coração e pedi conselhos e encorajamentos.

O demônio, como todos os malfeitores, detesta a luz. Quando um rato anda a forragear num armário, o melhor meio de desalojá-lo é abrir o armário. A primeira condição que o maldito põe à alma que quer seduzir, é a condição do silêncio, como fazem os sediciosos nas conspirações. “Uma tentação confessada já é meio vencida” (São Filipe de Néri).

“Escutai uma pobre pecadora, Senhor, escutai a sua confissão. Pois, vós o ordenastes, chamarei um dos vossos amigos, dir-lhe-ei as minhas misérias; eu quero, com o seu auxílio e com os seus conselhos, robustecer-me no vosso serviço, consolidar-me na paz, armar-me contra os meus inimigos (defeitos). Eu não posso confessar todos os dias as minhas pobres fraquezas; mas eu encontro-vos, ó meu Deus, na solidão do meu coração; ensina-me a nunca vos deixar, ou antes a reencontrar-vos sem demora”.

(atribuído a São Bernardo).

## A Santa Comunhão

São Francisco de Sales, na sua tão graciosa como simples linguagem, ensina-nos o soberano meio de conservarmos e robustecermos a castidade: “As lebres, diz ele, tornam-se brancas entre as nossas montanhas, no inverno, por que não veem nem comem senão neve; assim, à força de adorardes e comerdes a beleza, a bondade, a própria pureza no divino sacramento, tornar-vos-eis toda bela, toda boa e toda pura”. A santa comunhão, “*força da alma e do corpo*”, é fonte de castidade para a alma e para o corpo.

## Princípio de Castidade para a Alma

A santa comunhão é, efetivamente, para a alma: “*o pão da vida*” (S. João 6, 35)  
“*de uma vida mais abundante*” (S. João 10, 10)  
“*o antídoto das transgressões*”

Ela produz entre Deus e a alma: “*uma mais íntima união*” (S. Tomás)  
“*um aumento de graça*” (S. Tomás)  
“*um acréscimo de vida espiritual*” (S. Tomás)

“*Ela repara a “perda” (da castidade) causada pelas fraquezas quotidianas; ela inebria suavemente as divinas bondades*”. (São Tomás).

Durante este trabalho de transformação em Deus, é impossível que a castidade não seja mais estimada, mais saboreada e mais fortemente apoiada.

A Eucaristia é anunciada como:

*um “vinho destinado a suscitar uma germinação de virgens” (Zacarias 9,7)*  
*um “vinho que inspira e dá a virgindade” (Cornélio a Lápide)*  
*um “vinho que torna as almas angélicas” (S. Bernardo)*

As virgens que são santas de corpo e de espírito vão beber este vinho para encontrarem nele o inebriamento e a alegria que lhes faz seguir a verdadeira Igreja que não está na Terra, e para que um dia lhes apliquem estas palavras: “*No seu séquito, as virgens serão conduzidas ao Rei, Inebriam-se com esse vinho aqueles que seguem o Cordeiro para toda a parte para onde Ele vai;*

(que O “ouvem”, que “escutam”, sentem seus “movimentos”, instruções no “silêncio” desta “presença”) são as virgens a quem nenhuma aliança humana maculou”.

A Eucaristia é uma semente de castidade, melhor ainda, de virgindade. Por meio dela Santa Catarina de Sena tornou-se uma virgem angélica; Cristo desposou-a e ela viveu só da santa comunhão. Foi ainda da hóstia dos altares que veio á São Casimiro o amor da virgindade, da qual foi como que o mártir; “Cristo parecia ter irradiado sobre ele os esplendores da sua própria castidade” (Cornélio a Lápide).

No santuário e no tabernáculo “tudo respira inocência; tudo toma uma voz para recomendar a pureza. E o pão sem fermento, o vinho sem mistura, a cera tal como a dá a abelha, os vasos sagrados de um metal incorruptível”.

Respira-se nestes lugares, não sei que “perfume” de castidade, que impede a alma de se corromper. As doçuras que se saboreiam na “Mesa Sagrada” desprendem do amor das alegrias sensuais e fazem-nas esquecer.

Que é que as virgens desejam afinal mais ardentemente do que a conservação da virgindade?

E Nosso Senhor parece dizer-lhes: “Quando vós sois puras, tendes ainda necessidade de mim para permanecerdes na vossa pureza”.

### **Princípio de Castidade para o Corpo**

O “trigo dos eleitos” e o “sangue da taça divina” vivifica as regiões da nossa alma que estão privadas de sabedoria, e torna-as razoáveis” (Santo Ambrósio). Então, “tornada, em certo modo celeste, a alma já não tem as mesmas relações com a terra”, e o nosso corpo recebe a sua parte “do remédio instituído contra as doenças causadas pelo fruto mortal” (São Tomáz).

A Eucaristia, diz São Tomáz é um alimento medicinal, cuja virtude cura, no corpo e na alma, o veneno das más concupiscências. A Eucaristia produz efeitos imediatos no corpo; diminui o foco do desejo, tempera os ardores e acalma a impetuosidade do temperamento.

Assim quando (Cristo-Hóstia) nos visita durante o estio dessecante das paixões, o seu contato virginal faz reflorir a nossa carne; produz na nossa alma o aumento da caridade, e no nosso corpo a diminuição da cobiça. Diminui a fonte das transgressões, dando novas forças ao amor de Deus e uma intensidade nova à vida interior.

“Quando se rega uma árvore na raiz, a frescura e a renovação da vida comunicam-se ao tronco, aos ramos e até às folhas mais afastadas...”.

“Saturada de Deus” (Tertuliano), inundada de Graça, a alma reencontra “o pleno vigor da piedade; as sacudidelas interiores acalmam-se, a triste lei dos membros abranda” (São Cirilo de Alexandria), e os comungantes tornam-se terríveis “leões” que respiram a “chama” (São João Crisóstomo).

É impossível, efetivamente, que a Eucaristia dê à alma bem preparada, tantas luzes, força, amor, tudo o que é santo, sem produzir no corpo uma reação salutar.

Cristo une-se misticamente à alma que ele desposou na fé, no batismo, e na virgindade; ama o corpo dele como o seu, e protege-o mais especialmente, quando está nele pela sua presença sacramental ou pelos efeitos prolongados do sacramento.

Podemos nós ser “transformados em Cristo, pela virtude da Eucaristia” (São Tomás), sem que o corpo e a alma participem nessa transformação?

Quando se vai ao “altar”, à “Sagrada Mesa” ou ao mais íntimo do “coração”, precisamente para se obter a força de vencer uma tentação, a graça de perseverar na virgindade, cada um encontra na sua “hóstia” “aquilo de que necessita” (São Tomás).

*“Digna-te, ó meu Deus, Pai onipotente, alimentar-me, a mim pecadora, vossa indigna serva, do corpo e do sangue precioso do vosso amado filho, o Cristo, Nosso Senhor. Fazei, eu vos peço, que esta comunhão seja a armadura da minha fé e o escudo da minha boa vontade, a eliminação dos meus vícios, a extinção da cobiça e da concupiscência, o aumento da caridade e de todas as virtudes, finalmente a pacificação de todos os movimentos desordenados, tanto da carne como do espírito”.*

(São Tomás de Aquino)

## O Sinal da Cruz

Os castos fazem do sinal da cruz a sua arma de predileção. Santa Tereza gostava de acrescentar-lhe o emprego da água benta. O venerável cura d’Ars defendia-se contra “as garras do inimigo” com o sinal da cruz. A cruz possui “*um grande vigor contra o inimigo, porque ela recorda-lhe o Salvador que o subjugou, e porque o sinal da cruz é uma curta invocação do Redentor*” (São Francisco de Sales).

## A Devoção ao Sagrado Coração

*“Quereis vós, resistir às paixões e ao espírito maligno? Retirai-vos para o interior da “pedra rústica”, ao lado aberto de Cristo” (Padre Bernardo de Osimo, 1581).*

*“Não te admires, se tiveres tentações; mas, no meio do perigo, refugia-te em Deus; apressa-te a encerrar-te no coração de Cristo”.* (São Boaventura).

A cruz revela-nos os sofrimentos exteriores do Cristo; o Sagrado Coração revela-nos os seus sofrimentos interiores.

*“Vós tendes-me perdoado os meus pecados, vós tendes-me confiado as vossas riquezas espirituais. Entreabrindo diante de mim as águas do mar tempestuoso deste século, vós introduzistes-me no deserto sagrado da religião; vós refrescastes-me com “ondas” da vossa graça, vós chamastes-me para a santidade. Tudo isto está escrito no vosso coração”.*

Bem-aventurada Beata

Varani

“Ó paz do coração humano, só te encontram no amor e na cruz de Cristo”.

São Francisco de Sales

Esteja habituado a recorrer ao Sagrado Coração, principalmente quando a alma se encontra perturbada, ou preveja ou pressinta a aproximação do inimigo.

## A Devoção aos Anjos e às Virgens



Uma das palavras mais espantosas que até hoje devem ter sido ditas, é a de Santa Tereza: “*Não é apenas diante de Deus, é em Deus que o pecador pratica o seu mal*”.

### Os Pensamentos dos Juízos de Deus

Ooutra espécie de temor, “*infecundo em si mesmo, mas ricos de frutos pela Fé que inspira*” (Santo Hilário) vem ainda em nosso auxílio. É bom meditar os motivos, “*a fim de que, se as nossas faltas nos fizerem esquecer o amor do Senhor eterno, que ao menos o temor das penas nos ajude a não sucumbir ao pecado*” (Santo Inácio).

Aqui, a experiência do “Acusador”; na hora do “Julgamento”: As “chamas” são terríveis e “queimam” a consciência, com a percepção do exato peso e valor dos atos cometidos. “Você” se torna seu próprio Juiz. Não há como evitar a “pena”, o que seria possível, estando encarnado. O encarnado consegue “burlar” frequentemente a “pena” impondo o intelecto sobre a “Consciência”.

Aqueles que fizeram ao Senhor o dom absoluto da sua vontade devem, para escapar ao perigo de ofender a Deus, fazer como que uma muralha com as grandes verdades da fé, considerando atentamente que tudo acaba, que há um “céu” e um “inferno” (Santa Tereza).

E por terem esquecido este temor e estas verdades que certas almas, cuja pureza “*ultrapassava a brancura do marfim, se transformaram de repente em brasas fumegantes*” (Rodríguez).

Fiel ou regenerada pela penitência, a alma religiosa pode passar, na sua morte, por angústias purificadoras; mas ela é geralmente consolada e “*impaciente por se unir para sempre a Cristo e por entrar no coro das virgens que viveram da renúncia e de castidade*” (São Cipriano).

“*As religiosas gravemente infiéis ao seu voto estão muito expostas a acabar na impenitência*” (Santo Eusébio de Cesaréia).

*Ei-las no tribunal de Deus, diante desta palavra do Evangelho: “Pedir-se-á muito àquele que recebeu muito” (Lucas 12, 48).*

### A História de Maria Madalena

“*Uma mulher pecadora que se encontrava na cidade*” (Lucas 7, 37). Há quem veja nela uma criatura frívola e mundana; outros, com mais justiça, ao que parece, acusam-na de ter “*abusado de todos os dons de Deus, para perder nela e nos outros a santa castidade*” (Raban Maur). “*ela tinha profanado tudo, e não podia apresentar a Deus senão ruínas*” (Lacordaire).

“É precisamente em favor dela que Cristo faz o maior de seus milagres”, quando “sem lhe restituir a flor da inocência, que não murcha senão uma vez, Ele à coroa com uma glória mais austera: a do arrependimento e do amor perdoado” (M. Abade Fonard).

Que misericórdia, nesta conversão, nesta reabilitação e nos privilégios conferidos à pecadora de ontem! O Cristo conhece-a. São como outros tantos apelos que Ele lhe dirige, quando se declara “*enviado para as ovelhas que pereceram em Israel*” (Mateus 15, 24). Depois, aquele “*amigo dos pecadores*” (Mateus 11, 19) vai por amor dela, à casa de Simão, para ali realizar uma obra-prima de graça e de amor. Acolhe aquela transviada com a indulgência do bom Pastor pela ovelha que volta ao redil. Aceita os testemunhos de sua fé, do seu arrependimento, do seu amor. Defende-a contra o austero fariseu. Perdoa-lhe, restitui-a a Deus e à sua livre e generosa natureza na qual os dons do Espírito Santo vão encontrar um terreno maravilhosamente apropriado. Louva-a como ainda se não

louvou ninguém. Associa o nome dela ao seu para a eternidade (Marcos 14, 9). Aceita dela a hospitalidade e a esmola e faz-se Mestre da sua vida espiritual.

Veem-na aos “pés” da “cruz”; a primeira aparição do Cristo é para ela. Depois da Ascensão, ela sobe, pela penitência e pelo amor, de degrau em degrau, na virtude, desenvolvendo sem cessar, no corpo e na alma, a pureza que ela recebera, como uma participação santa da pureza de Cristo. (De Bérulle).

Que tinha feito ela para cooperar na graça do regresso? *“Os obstáculos eram numerosos; as suas faltas eram daquelas que enchem de vergonha”* (Gudefr Admont); os fariseus zombariam dela: permitiria a santidade de Cristo que ela se aproximasse? Teria ela coragem para fazer penitência?

Tudo parecia, interior e exteriormente, afastá-la. Mas tudo se confunde naquele sentimento de confiança que ela experimenta pelo *“Salvador dos que se perderam”* (Mateus 18, 11), o caridoso *“médico dos que estão doentes”* (Lucas 5, 31). Ela acorre, humilha-se, ama tanto quanto pecou, *“muito”* (Lucas 7, 47). Depois, a partir da hora do perdão, ela renasce serva de Cristo, *“amante do Senhor”* (Raban Maur). De um salto vai tão depressa e tão longe, que *“começa onde as outras acabam”* (De Bérulle), *“e a sua vida passa-se toda inteira, de futuro, a revestir-se da pureza de Cristo”* (São João Crisóstomo).

### **Das Alegrias Terrestres da Perfeita Castidade**

*“Bem-aventurados os corações puros, porque eles verão a Deus”* (Mateus 5,8).

Todas as vezes que nos encontramos em “presença” de uma “palavra do Salvador” (pois no silêncio do “deserto” até as pedras falam...), *que é uma “palavra” operosa* (Santo Ambrósio), o que Ela “diz” se faz em nós, se a nossa vontade não LHE impõe obstáculo e se coopera nas divinas “intensões”.

### **A Virgindade dá a Felicidade**

O Apóstolo São Paulo, respondendo a uma consulta dos fiéis de Corinto, estabelece a verdadeira doutrina relativa à virgindade.

*Não há preceito que a ordene (I Cor., VII,25); há circunstâncias em que não é oportuno entrar neste estado (I Cor., VII,9); mas o que ficar virgem “será mais feliz” (I Cor., VII,40).*

Em vão tentaríamos explicar ao mundo a felicidade da perfeita castidade: *falta-lhe, para a apreciar, o sentido das coisas divinas (I COR., II, 14)*. Cristo é, para ele, *“um sinal de contradição”* (Lucas II, 34), *“o Evangelho um livro fechado”* (II Cor., IV, 3), *“o mistério da cruz, uma loucura”* (Cor., I, 18). *Faz consistir as suas felicidades fictícias nos nada que divertem e atordoam, ou nas coisas que “matam a alma, afagando o corpo”* (V. Beda). Depois, semelhante ao desgraçado que, morrendo de fome na rua, lamentasse aquele que se senta a uma mesa farta, põe-se a gritar que a virgem, no seu interior, não pode encontrar a felicidade.

Insensato! Estão precisamente ali *“as alegrias plenas”* (São João I, 4) que se *“tomam no Senhor”* (São João XV, 11). Interrogai os Consagrados!

*“No próprio seio desta vida que eles desprezam e de que fizeram o sacrifício à Deus, Deus, por um milagre permanente da sua misericórdia, tem lhes feito encontrar sempre a alegria e a felicidade num grau desconhecido do resto dos homens”* (Montalembert).

Quando eles iam procurar, “*na solidão, um abrigo para a castidade, uma muralha contra o mundo e contra si próprios*” (São Pedro Damiano), pintava suas alegrias até nos nomes encantadores que davam aos lugares de seus retiros. “Bom-Lugar, Alegre-Lugar, O Doce Vale, As Delícias, O Reconforto, A Alegria, O Pré-Feliz” (nomes de mosteiros).

A felicidade não pode ser senão o soberano bem, “*Deus, cuja presença contentará todas as aspirações da alma e do corpo*” (São Cipriano).

Mas antes da aquisição desse “*bem perfeito que saciará todo o apetite*” (São Tomás), nada há tão pacificado, ninguém há tão feliz como uma alma cuja vida inteira forma como que uma série de degraus que conduzem à Deus, nosso fim (Suarez). Tal é o caso das virgens que procuram no seu estado “*um caminho mais seguro, um meio de santidade, um foco de amor, um asilo na vizinhança de Deus*” (Vida dos Padres).

O fato de se chamarem (os mosteiros) “Lugar de descanso, Ninho de Ave, Vale da Paz”, não quer dizer que as mansões da virgindade na terra não conheçam tempestades e lutas. Mas em volta desse “*jardim fechado, a castidade forma uma muralha que nada ainda quebrou*” (Santo Ambrósio), e Deus vela com especial cuidado sobre “*esta gloriosa parte do rebanho*” (São Cipriano).

### **Das Alegrias Celestes da Verdadeira Castidade**

O Apóstolo foi arrebatado até ao terceiro Céu e, das alegrias que ali se experimentam não ousa dizer uma palavra, ensinando a discrição àqueles “*que não foram elevados nem ao primeiro nem ao segundo*” (São Francisco de Sales).

Um ramo verdejante e um toco de vela não podem dar a um recém-nascido, que nasceu e cresceu numa masmorra, a verdadeira noção do sol e de um campo florido na primavera; do mesmo modo, nada forma em nós, enquanto encerrados “*na prisão deste mundo*” (Tertuliano), uma ideia do Céu. “*No entanto deve dizer-se alguma coisa sobre ele*”, assim raciocina São Francisco de Sales.

O Mestre disse: “*Aquele que abandona a sua casa, os seus parentes e tudo mais por amor do meu nome, esse possuirá a vida eterna*” (Mateus XIX, 29). “*Por isso os nomes das virgens estão escritos no livro da vida do Cordeiro*” (Apocalipse XXI, 27); *cujas páginas visíveis são o Evangelho e que existe um exemplar misteriosamente traçado do coração de Cristo* (Apocalipse V, 1).

É fácil passar de uma “*cela*” ao Céu... Quando se “*morre*” (a morte mística, devido à atualização do Cristo Interno) no “*claustró*” (na vida interior), tem-se uma doce segurança de ser salvo, porque é muito difícil perseverar até a “*morte*”, se não se for predestinado para os Céus (São Bernardo).

A religião é a porta do paraíso; “*ser consagrado a Deus neste mundo é já sinal de que se está marcado para ser companheiro dos bem-aventurados*” (S. Lour. Justiniano).

Umam chegam ao termo, depois de “*terem trilhado um longo caminho em poucos dias*” (Sabedoria, IV, 13); outras viram “*o seu exílio prolongar-se*” (Salmo CXIX, 5); (exílio é estar apartado de Deus) “*elas trazem, num corpo quebrado pela idade, uma alma toda jovem e como que perfumada*” (São Gregório de Nazianzo).

“A morte é, para elas, como um belo anjo que veio para coroa-las de flores” (H. Perreye).

“*O desprendimento dos prazeres desabitua-as do corpo e elas já não sentem dificuldade em se separar dele; já desataram, ou quebraram, desde há muito, os laços mais delicados*” (Bossuet).

Aprenderam que “a única precaução contra os ataques da morte é a inocência da vida” (Bossuet).

### Conselhos para lembrar

Vigiar com uma atenção, o espírito, o coração e todo o próprio exterior, para ver se realmente não há pensamentos e afeição senão a Deus e aos seus interesses;

Vigiar mais especialmente a imaginação, os olhares, as atitudes e as palavras;

Repetir frequentemente, sob forma de oração jaculatória: “Bem-aventurados os corações puros, porque eles verão a Deus”.

Recite o Veni, Creator Spiritus.

### Conclusão

Para terminar este escrito, devemos consagrar um dia a agradecer a Nosso Senhor as luzes recebidas e a tomar resoluções práticas.

Escrevê-las de forma a fixa-las no espírito e no coração, a fim de podê-las voltar a ler de tempos em tempos.



**A matriz geradora dos filhos de Deus**

**Sub tuum praesidium, Virgo Immaculata!**  
*(Sob Vossa Proteção, Virgem Imaculada!)*

### Bibliografia

**Obras básicas utilizadas para a realização deste trabalho:**



**Tratado de Castidade - Compilação de textos de Santo Afonso Maria de Ligório pelo padre Saint-Omer****Ensaio Sobre a Castidade - por P. F. Maucourant****Final:**

*Peço perdão pelos delírios e divagações, pelas observações, grifos, sublinhados, e destaques pessoais, e pela inserção de textos esotéricos, que talvez, não tenham semelhanças com a esfera na qual as obras básicas utilizadas, que tratam sobre a castidade foram criadas.*

*Este trabalho foi iniciado no dia 1º de Abril de 2012, quando senti um movimento de uma “leve brisa” em direção ao tema. É o esforço de uma alma indigente para obter o entendimento e de ser “tocada” pelas virtudes celestes; é o esforço de quem está no deserto e sente sede...*

**FIM**